

T E A T R O



Peça A NOITE DAS MAL DORMIDAS
Gênero FARSAS EM UM ATO
Época 1974
Ação APARTAMENTO NO CATEPE
Local RIO DE JANEIRO
Autor P E T E R S E N
NIELSEN PETERSEU SANTOS
SCHMIDT.

PERSONAGENS:

SOBRE TUDO: HORTÊNCIA
MARGARIDA
DALVA

CENÁRIO: Sala de um apartamento, onde se misturam móveis antigos com objetos modernos, nada combinando com nada. Tudo muito kitsch e feio. Alguns móveis parecem estar colocados em determinados lugares há trinta anos, como os quadros de família nas paredes. Tudo colocado de forma a dar ao ambiente o aspecto kitsch ao qual me referi.

Petersen, Junho/75

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

Na sonoplastia uma música antiga que vai diminuindo até o início dos diálogos. As três mulheres estão em cena. Hortência, perto da janela, olha a rua. Margarida, sentada no sofá, lê uma revista de foto-novelas e Dalva costura a alça de um soutien. Hortência vê alguma coisa que a escandaliza e começa profundamente chocada:



HORTÊNCIA - (ESCANDALIZADA) É um absurdo !

MARGARIDA - (SEM FICAR OS OLHOS DA REVISTA) O que, Hortência ?

HORTÊNCIA - (SEM RESPONDER, CHOCADA) Uma nojeira ! Uma pouca vergonha !
DALVA NÃO ENTENDE, LEVANTA OS OLHOS MAS NÃO PERGUNTA NADA

MARGARIDA - (DÁ UMA PARADA NA LEITURA, OLHA PARA HORTÊNCIA) Não estou te entendendo...

HORTÊNCIA - (PROFUNDAMENTE OFENDIDA) Aquela menininha aí do terceiro.

DALVA - (SEM PARAR DE COSTURAR) A loura de farácia ?

HORTÊNCIA - (AINDA NA JANELA) A irmã dela. Aquela do cabelo tosadinho que parece um homem.

MARGARIDA - (INTERESSADA) O quê que tem ela ?

HORTÊNCIA - (VOIÇA-SE BRUSCAMENTE) O quê que tem ? Vocês nunca viram ? Cada dia chega num carro diferente acompanhada desses cabaludos. (T) Não sei onde vai parar tudo isso. Esse edifício está virando bordel !

DALVA - (ACHANDO UM ABSURDO A IDÉIA DE "BORDEL") Cruzes, Hortência ! (ARREBENTA A LINHA COM OS DENTES TERMINANDO A COSTURA)

HORTÊNCIA - (CONFIRMA) Bordel sim senhora. Só falta letreiros em gás neon aí na porta. (T) Não vai custar muito não. Essa dona aí do lado já está até alugando "vagas" para rapazes solteiros. Imaginem ! Vagas num prédio como esse.

DALVA - (EXAMINANDO A COSTURA) A viúva ?

HORTÊNCIA - (EM CIMA) E quem mais podia ser ? (T) Eu sempre duvidei dessa mulher. (REFORÇA) Sempre !

MARGARIDA - (LENDO OUTRO QUADRINHO DA FOTONOVELA) Coitada. Vai ver ela precisa. O que a pobre recebe de pensão é tão pouco... (TIRANDO OS OLHOS DA REVISTA ENCAM AS DUAS) Esses dias ela esteve me falando que...

HORTÊNCIA - (CORTA) Você é uma tola. Acredita em tudo o que as pessoas falam. (REPENTINA) Você andou trovando amizade com essa fulana, é ?

MARGARIDA - (SEM VER NADA DE MAL) Foi ontem quando eu saltei do táxi. (LEMBRANDO HORTÊNCIA) Você lembra como estava chovendo na hora que eu cheguei. (T) Ela vinha chegando também e foi muito amável me oferecendo corona na sombrinha dele. (T) ...

Volta com ela depois!

- HORTÊNCIA - (SALDOUSA) Vai ver é amante.
- DALVA - (GUARDANDO A LINHA E A AGULHA NA CAIXA DE COSTURAS) Você também fez mau juízo de tudo.
- HORTÊNCIA - (IRRITANTE) E não é pra fazer? Uma mulher na idade sair pintada daquele jeito.
- DALVA - (COLOCA A CAIXA DE COSTURAS E O SOUTIEN DE LADO E ACOMODASE COMO QUISI NÃO TER MAIS NADA PRA FAZER) Aí eu já não sei go mais nada. Também não entendo por que é que ela se pinta daquela maneira.
- HORTÊNCIA - (OFENDENDO LOCO) Essa mulher tem pinta de dona de bordel. (REFORÇA MAIS) Pinta de cafetina!
- MARGARIDA - (VENDO QUE NÃO CONSEGUE MAIS LER, LARGA A REVISTA) Que termo horrível, Hortência!
- HORTÊNCIA - (FICA BEIO SEM GRAÇA) Me desculpem mas eu fico nervosa e não consigo me conter. (T) Eu não me conformo é com a decadência desse prédio. Quando nós viemos pra cá... (PRA MARGARIDA) Foi em 40 ou 39?
- MARGARIDA - (LEMBRANDO) Mamãe ainda era viva. (T) Acho que foi no final de 38. Isso mesmo: foi no verão. Me lembro bem.
- HORTÊNCIA - (CONCORDANDO) É, no verão; no verão de 38. O prédio era novo. Nós fomos as primeiras moradoras, não é, Margarida? - (VOLTA-SE RÁPIDA PARA A IRMÃ QUE CONFIRMA COM A CABEÇA E CONTINUA VOLTANDO-SE PARA DALVA) Novinho. (T) Aí do lado, Dalva, morava dona Rosali, amiga de mamãe. Uma santa. (REFORÇA) Uma santa!
- MARGARIDA - (LEMBRANDO, COMA HORTÊNCIA) E a filha dela, que fim levou, hein?
- HORTÊNCIA - (NUM SUSPENSE BOBO) Você não sabe? (T) Casou com um psiquiatra. Coitada. (RÁPIDA) Encontrei dona Cotinha. Lembra da dona Cotinha? Aquela que vinha sempre na casa de dona Rosali. (FORÇA A LEMBRANÇA NA IRMÃ QUE ESTÁ COM CARA DE QUE NÃO LEMBRA) Madrinha da Carolina...
- MARGARIDA - (LEMBRANDO ÁREIA) A que tinha um defeito na boca?
- HORTÊNCIA - (BEIO EM DÚVIDA) É.
- MARGARIDA - (LEMBRANDO FINALMENTE) Coitada. Deve estar bem velhinha. Naquela época ela já era bem idosa...
- HORTÊNCIA - (CONVICTA) Não mudou nada. É impressionante, mas a dona Cotinha não mudou nada. (T) Ela me contou horrores desse psiquiatra. (MAIS CONVICTA AINDA) Um homem de péssimo caráter. Arranjou uma amante em Botafogo e largou a coitada com seis filhos no Keifer.
- MARGARIDA - (SURPREENDE-SE) Seis filhos?



HORTÊNCIA - (CONFIRMA) Seis filhos. A infeliz passou quase toda a vida costurendo pra fora pra poder sustentar as crianças. Diz a Cotinha que nem pensão o canalha dava pra ela.

DALVA - (NUM SUSPIRO) Não é fácil.

HORTÊNCIA - (LEBRANDO NUM SUSPIRO) É o pior vocês não sabem dela, o mais velho, está prêso !



DALVA - (CHOCADA) Que horror !

MARGARIDA - (PENA) Coitada da Zenaide. Ela não merecia um coisa dessas. 'Inda mais se matando pelos filhos como ela se matou. (T) Mas o que foi que o menino fez ?

HORTÊNCIA - (ESCANALIZANDO) Menino ? Um cavalão de quase trinta anos. (T) Sei não, mas diz a Cotinha que foi por causa de tóxicos.

MARGARIDA - (ASSUSTADA) Ele usava isso ?

HORTÊNCIA - (CONFIDENCIAL, MAS NÃO MUITO) Dizem que foi um colega que deu um cigarro pra ele e que ele fumou sem saber.

DALVA - (CONFIRMA) Isso acontece sim. Uma amiga minha, professora do supletivo, disse que uma vez viu um grupo de rapazes colocarem bolinhas (DIZ BOLINHAS FRISANTE) no refrigerante das meninas do colégio. Imaginem !

HORTÊNCIA - (T) Eu não sei não. Vai ver ele estava metido com gente transviada.

MARGARIDA - E ainda existe esse negócio de "juventude transviada" ? Pelo que eu me lembro isso foi por volta de 55...58. Por aí.

HORTÊNCIA - (SEM PACIÊNCIA) Você me irrita com esse negócio de nunca querer ver as coisas. E pra decadência é preciso época, ó ?

(T) Parece até que você não vê essas menininhas esprevidas, montadas nas garupas dessas motocicletas barulhentas. E esses motociclistas ? Uns loucos ! Uns tarados !

MARGARIDA - (CAFONA) Bonito mesmo só o Tarcisio Meyra de motocicleta no "Cavalo de aço".

DALVA - (MUNDO IDIOTA) Esses dias eu vi um padre em cima de uma motoca. Me mordí pra não rir.

MARGARIDA - (CONVICTA) Nem padre escapa !

HORTÊNCIA - (PATRIARCAL ABORRECE-SE) Respeito é bom e eu gosto, ouviu Margarida ? Com religião não se brinca. Até parece que você já esqueceu do que mamãe nos ensinou.

MARGARIDA - (MEIO ENVERGONHADA) Eu falei brincando, Hortência.

HORTÊNCIA - (FIRME) Com religião não se brinca. (REPENTINA) Foi bom você ter falado nisso. Eu já ia me esquecendo que hoje é segunda-feira e tenho que acender a minha vela pras almas.

DALVA - Promessa ?



- HORTÊNCIA - Mais ou menos. Não parece que você não sabe que toda segunda-feira eu acendo vela pras almas.
- MARGARIDA - De vez em quando esqueço.
- HORTÊNCIA - Nunca esqueci.
- MARGARIDA - Tem segunda-feira que você não acende.
- HORTÊNCIA - Eu nunca esqueci, Margarida. Não teima ! (DIRIGIDA)
- MARGARIDA - (SNOB) Não vou discutir com você.
- HORTÊNCIA - (FIRME) Nem pode. (T) Tem vez que eu não acendo em casa. Acendo na Igreja de Santa Teresinha lá na boca do túnel.
- MARGARIDA - Na segunda-feira passada você não foi trabalhar porque foi feriado. Nem saiu de casa e eu não vi você acender.
- HORTÊNCIA - Nem podia. Você estava dormindo. Roncava feito uma maluca.
- MARGARIDA - É mentira. Eu não ronco.
- HORTÊNCIA - Ronca sim. Aliás, você fica detestável quando ronca.
- MARGARIDA - (HERITADA) Eu não ronco, Hortência.
- HORTÊNCIA - (FIRME) Ronca sim. Se eu estou falando que ronca é porque ronca. (PRA DALVA) Ela não ronca, Dalva ?
- MARGARIDA - (INTERESSADA) Eu ronco, Dalva ?
- DALVA - (SAINDO FORA DO ASSUNTO) Eu sei lá. Hortência é que dorme no mesmo quarto que você.
- MARGARIDA - (FERIDA) Mentira dela.
- HORTÊNCIA - (VIRA PARA) Detesto que me chamem de mentirosa. Ronca sim. E ronca igual a um homem. Você mesmo viu, Dalva, e até me perguntou se era Margarida que estava fazendo aquele barulho todo.
- MARGARIDA - (PARA FERIR) Você também ronca.
- HORTÊNCIA - (SURPREENDIDA) Eu ?
- MARGARIDA - (FIRME) Você mesma.
- HORTÊNCIA - (DEFENDENDO-SE) Nunca. Nunca ronquei !
- MARGARIDA - É porque você não pode ouvir. Ah, se eu tivesse um grava-dor.
- HORTÊNCIA - Imagina...
- MARGARIDA - quem fala o que quer ouve o que não quer...
- HORTÊNCIA - Você é que não quer aceitar as coisas. O quê que tem roncar ? É uma coisa normal. Você mesma não sabe que está roncando.
- MARGARIDA - Já mudou de figura, é ?
- HORTÊNCIA - Ué, por que ?
- MARGARIDA - Foi eu falar que você ronca também pra você começar a achar o ronco uma coisa normal.
- HORTÊNCIA - É uma coisa normal mas eu não superto.
- MARGARIDA - Mas ronca.

- DALVA - (ESCANDALOSA) Cruzes ! Vocês parecem crianças.
- MARGARIDA - (DEPENDENDO-SE) É essa chata aí. (PRA HORTÊNCIA) Desde pequena que você implica comigo, Hortência. Desde pequena.
- HORTÊNCIA - (IMPLICANTE) Você sempre foi chata.
- MARGARIDA - (POUCO CASO) Eu é que sou chata...
- HORTÊNCIA - (IRRITADA) Então sou eu e chata ?
- DALVA - (ABORRECIDA) Vocês não vão parar de discutir ?
- MARGARIDA - (MAIS POUCO CASO AINDA) Por mim...
- HORTÊNCIA - (MUDANDO DE ASSUNTO) Tem vela na cozinha ?
- MARGARIDA - (MAU HUMOR) Não sei.
- DALVA - (LEMBRANDO) Eu acho que usei a última quando faltou luz.
- HORTÊNCIA - (PREOCUPADA) E agora, meu Deus ?
- MARGARIDA - (IMPLICANTE) Acende o cotôco. Não sobrou cotôco não, Dalva ?
- DALVA - (NOTANDO A IMPLICÂNCIA) Sobrou. Tá perto de Santa Terezinha lá no meu quarto.
- HORTÊNCIA - (COM FALA AGRESSIVA) Você é uma palhaçona mesmo, hein ? (PRA MARGARIDA)
- MARGARIDA - (CÍNICA) Estou tão preocupada...
- HORTÊNCIA - (CHEIA) Vamos parar, tá ?
- MARGARIDA - (IMPLICANTE AINDA) Por que você não pede pra loura de farmácia ?
- HORTÊNCIA - (BATÊ NA MADEIRA TRÊS VÊZES) Isola.
- MARGARIDA - (PROSSEGUE FIRME) Ela é macumbeira. Deve ter velas aos montes em casa.
- HORTÊNCIA - (FALANDO SÉRIO) Fala com a viuva. Talvez ela tenha.
- MARGARIDA - (ANTIPÁTICA) Eu, hein. O compromisso com as almas é seu. Não tenho nada com isso. (MUDANDO DE FIGURA) Você é engraçada. Não gosta da mulher e quer que eu peça as coisas pra ela ?
- HORTÊNCIA - (INSISTE) Custa alguma coisa, custa ? Você se dá com ela.
- MARGARIDA - (SAI FORA) Me dou nada. Conversei com ela umas três vezes.
- HORTÊNCIA - (IMPLICANTE) Nessas alturas você já deve saber da vida dela toda. Fofoqueira como é. Não prometeu emprêgo pra alguem da familia dela não ? Você promete emprêgo pra todo mundo.
- DALVA - (SEM ENTENDER O PORQUÊ DA DISCUSSÃO) Ué, que discussão mais fora de hora...
- HORTÊNCIA - (DESCULPANDO-SE ACUSA A IRMÃ) É essa antipática. Tudo tem que ser como ela quer ou como ela fala. Se a gente discorda ela fica dando coicinhos...
- MARGARIDA - (DEPENDENDO-SE RÁPIDA) Coicinhos não que eu não sou nenhuma cavala. Você é que tem a mania de chamar a atenção da gente. Sempre foi assim - rabugenta. Ainda mais agora na minha pausa.





- HORTÊNCIA - (IMPLICANTE) Aposto que você só se formou nesse curso aí pra ter seu retratinho nas revistas. Aprender mesmo que é bom você não aprendeu nada.
- MARGARIDA - (IRRITADA) Ih, não quero mais conversa não. Que hora é?
Dalva?
- DALVA - (OLHANDO NO RELOGINHO DE PULSO) Vinte pras dez.
- HORTÊNCIA - (SURPRÊSA) Só isso? Pensei que fôsse mais tarde.
- MARGARIDA - (NUMA OBSERVAÇÃO) Sem televisão o tempo custa a passar e é uma desgraça.
- HORTÊNCIA - (INSISTE COM MAIS CALMA) Você bem que podia falar com a viúva. Depois eu pagava a vela pra ela.
- MARGARIDA - Não falo. Não falo e tá acabado.
- HORTÊNCIA - Você é uma emprestável.
- MARGARIDA - Graças a Deus! (FIRME)
- HORTÊNCIA - E profana ainda por cima. Duvido que nos tempos de mamãe - você tomasse o nome de Deus em vão dessa maneira.
- MARGARIDA - (PEGANDO A BOLSA) Ah, não enche!
- HORTÊNCIA - (PRA DALVA) Você não se dá com a velha não?
- DALVA - (SURPRÊSA) Eu!? Você sabe que eu não me dou com ninguém - nesse prédio.
- HORTÊNCIA - (SNOB, PROVOCANDO MARGARIDA) Você é que está certa. Se dá ao respeito que nem eu.
- MARGARIDA REMEXE A BOLSA IRRITADA, CANTAROLANDO QUALQUER MÚSICA ANTIGA - HORTÊNCIA PROSSEGUE IMPLICANTE:
- Voz de taquara rachada.
- MARGARIDA - (SEM SE IMPORTAR) Acho que deixei o pó de arroz no escritório.
- HORTÊNCIA - (MAIS CALMA/LEBRANDO) Estou me lembrando de uma coisa...
(PRA MARGARIDA) Esses dias eu ví uma vela na sua gaveta.
- MARGARIDA - (FECHANDO A BOLSA) Na minha gaveta?
- HORTÊNCIA - (CONFIRMA) No cantinho da gaveta de cima.
- MARGARIDA - (DESDÊM) Você ficou maluca. (IRRITADA) E com que direito - você anda mexendo na minha gaveta?
- HORTÊNCIA - (FICA MEIO SEM GRAÇA) Foi esses dias... A minha combinação, aquela cor de rosa... Caiu por detrás da minha gaveta em cima da sua e eu tive de abrir pra pegar.
- MARGARIDA - (RÁPIDA) Não tem vela nenhuma lá não.
- HORTÊNCIA - (INSISTE) Tem sim. Eu ví. (MALDOSA) Aliás, eu ví e não entendi. Você dificilmente faz promessas.
- MARGARIDA - (QUERENDO CONTAR O ASSUNTO) Mas eu fiz uma e pronto. Tá satisfeita?
- HORTÊNCIA - Já pagou?
- MARGARIDA - (CHELA) Por que é que você não trata da sua vida, hein?

- HORTÊNCIA - (INSISTENTE) Custa alguma coisa você me emprestar ? Custa ?
Arreanhô eu compro uma e te pago, pronto.
- MARGARIDA - (EXPLICATIVA) Olha, Hortência: eu não tenho mais vela nenhuma. Já paguei a promessa. Como é que eu posso te emprestar o que eu não tenho ?
- HORTÊNCIA - (INTERROGANDO OS PONTOS) É. As almas que me perdoem. Na segunda-feira que vem eu acendo duas. (SE APROXIMA DA JANELA E SE ESCANDALIZA) Olha a pinta da loura. Vem ver, Margarida.
- MARGARIDA - (SEM SE IMPORTAR MUITO) Ué, pra que ?
- HORTÊNCIA - (INSISTE) Vem ver. Corre !
- MARGARIDA - (VAI, OLHA E SE ESCANDALIZA TAMBÉM) Nossa !!!
- DALVA - (SE APROXIMA INTERESSADÍSSIMA) Deixa eu ver.
- HORTÊNCIA - (PURITANA) É por isso que eu digo.
- DALVA - (OLHANDO CHOCADA) Cruzes. Como é que pode !
- HORTÊNCIA - Uma atôa. Uma atôa !
- MARGARIDA - (MARAVILHADA MAS SEM DAR A PARECER) Parece uma prostituta.
- HORTÊNCIA - Você ainda tem dúvidas ?
- DALVA - Pra onde será que ela vai a essa hora ?
- MARGARIDA - (IMAGINANDO) Imagino...
- DALVA - (EM DÚVIDA) Será ?
- HORTÊNCIA - (CONVICTA) Você ainda não sabe ?
- DALVA - (MORALISTA) A gente devia fazer um abaixo-assinado para tirar essa mulher do prédio.
- HORTÊNCIA - E quem iria assinar ? As únicas mulheres honestas daqui somos nós mesmas.
- MARGARIDA - (LEMBRA) Ten essa velhinha aí de cima.
- HORTÊNCIA - Essa coitada. Tá morre-não-morre. Também com o filho que tem...
- DALVA - Dizem que é um mau elemento.
- HORTÊNCIA - (REFORÇA) Um maconheiro.
- MARGARIDA - (SAINDO DA JANELA) Esses dias aí no corredor estava um cheiro intragável. Uma fumaccira terrível. Cheguei tonta em casa.
- HORTÊNCIA - Por que não chamou a policia ?
- MARGARIDA - Imagina ! Você já pensou naquele carrão preto parado aí na frente ? O que a vizinhança iria pensar da gente ?
- HORTÊNCIA - (TRISTE) De vêz em quando eu fico pensando que seria melhor a gente mudar logo daqui. Até vir a desapropriação do prédio a gente vai ter que aguentar tanta coisa que nem sei.
- DALVA - Tudo por culpa do progresso. A vizinhança antigamente era outra - pessoas honestas que foram se afastando aos poucos enquanto vinha chegando essa gentinha miserável.



Tudo por culpa do dele progresso.
Tudo com essa idéia de fazer metrô no Rio. Essa parte do
catete era tão calma... Agora essa barulheira toda.



(OLHANDO O TEMPO PELA JANELA) Parece que vai chover de novo.
Tempra. Prefiro quando chove. Ao menos acaba com a poeira.
Nos bons tempos isso aqui era fresquinho. Agora, depois que
eles desmancharam esse quartirão inteiro aí de frente é só
se calorão medonho.

ANITA - Tudo era muito diferente naqueles bons tempos. As crianças
brincavam nas ruas, lembra Hortência? Até o cheiro era ou
tro.

HORTÊNCIA - (TRISTE) Me dá uma tristeza danada saber que tudo isso vai
desaparecer.

MARGARIDA - (T) O que é que eles vão fazer aqui nesse lugar?

HORTÊNCIA - (ACHANDO-A BURRA) O metrô, ora essa!

MARGARIDA - O metrô é em baixo. Eu estou falando em cima.

HORTÊNCIA - Ah, devem fazer uma praça ou uma avenida. Sei lá.

MARGARIDA - Um viaduto?

HORTÊNCIA - Ou isso.

MARGARIDA - Não gosto dessa palavra. Palavra feia.

DALVA - Horrível! A poeirada durante o dia é uma coisa horrível!
E esses operários sujos e mau encarados. Esses dias eu pas
sei e um deles veio com piadinhas. (NOTA-SE QUE ELA COME -
ÇOU A FALAR PRA CONTAR ESSE CASO)

MARGARIDA - Que abuso!

DALVA - Me chamou de "doce de côco". Imaginem.

HORTÊNCIA - Doce de côco. Línguajar baixo. (IMPORTANTE) Também já mexe-
ram comigo. Me chamaram de "gatinha".

MARGARIDA - (SURPRESA) Gatinha? (RI)

HORTÊNCIA - O que é que tem?

MARGARIDA - São uns debochados.

DALVA - Comigo ele parecia estar falando sério.

HORTÊNCIA - E você acredita na seriedade desses homens?

DALVA - As vezes eles são sinceros.

HORTÊNCIA - Santa inocência! Eu... Como só acredito em mim mesma...

MARGARIDA - Tem que ser assim. Não se pode confiar nos homens.

HORTÊNCIA - Aquela americana é que tem razão. São uns porcos chauvinis-
tas.

DALVA - Fazem da mulher um simples objeto sexual.

HORTÊNCIA - Não podemos acreditar neles.

MARGARIDA - Na nossa idade é meio difícil mesmo.

HORTÊNCIA - (COQUETE) Também não estamos tão velhas assim. Eu me sinto
uma jovem de vinte.

MARGARIDA - (DEBOCHADA) Anita também não, né, Hortência?



- ... é como eu me sinto, Margarida.
- (SOLTEIRA) Arranja um namorado então.
- (LUTA NA MADEIRA TRÊS VÊZES) Isola. Sou muito feliz solteira.
- ... também.
- ... não me casei porque não quis.
- Abandonei meu noivo no altar. Também não me casei porque não quis.
- (INTERESSADA) E ele?
- (SNOB) Disse que ia se matar e outras milongas mais.
- (INTERESSADÍSSIMA) E você?
- Eu? Eu nem te ligo. Sou muito feliz sózinha.
- (SANGADA) Mas você não ficou preocupada nem um pouquinho?
- Non liguei. Nem liguei mesmo. Depois ele passou um tempo me mandando cartinhas de amor que eu nem lia. (NOTA-SE QUE ELA CONTA ISSO ESCONDENDO UM PERÍMTO PSICOLÓGICO)
- MARGARIDA - (SURPRÊSA) Nem lia?
- DALVA - (IMPORTANTE) Imagina se eu ia me preocupar com isso? Eu sempre fui uma mulher decidida. Graças a Deus!
- HORTÊNCIA - Casar mesmo nunca me passou pela cabeça. Desde pequena que eu nunca confiei nos homens, não é, Margarida?
- MARGARIDA - Teve aquele rapaz que você namorou. Aquele que morava onde mora a loura de farmácia.
- HORTÊNCIA - Namorei... Imagina! Um flerte somente. Um flerte!
- MARGARIDA - (DESBRANDO) Mamãe não gostava dele.
- HORTÊNCIA - (COMPLETA) Nem podia gostar. Um simples caixeiro viajante.
- MARGARIDA - (GUELIFLUA) Casou com a Clotilde.
- HORTÊNCIA - Aquela jararaca!
- MARGARIDA - (IMPLICANTE) Jararaca porque te passou pra trás.
- HORTÊNCIA - Ah, vá tomar banho, Margarida! (FERIDA) Eu é que nunca dei bola pro Tavinho.
- MARGARIDA - Não deu. Você bem que queria, mamãe é que não deixava. Um honco que vivia bebendo, Dalva. (PRA DALVA)
- HORTÊNCIA - (FERIDA) Invejosa. É isso que você é. Nunca teve um namorado na vida.
- MARGARIDA - (CONVICTA) Com a graça de Deus.
- DALVA - (IRRITANDO-SE) Ja vão começar de novo, é?
- MARGARIDA - (INTERESSADA EM DALVA) Me conta, Dalva. Como é que você deixou o rapaz no altar?
- DALVA - (IMPORTANTE) Eu não fui. Simplesmente eu não fui.
- MARGARIDA - (PENALIZADA) Coitado.
- DALVA - (BEM SUBURBANA) Coitado é filho de rato que não tem sapato.
- MARGARIDA - Coitado sim. Ele devia estar apaixonado por você.



- DALVA - Ah, lá isso esteve mesmo. Ele queria até se matar.
- HORTÊNCIA- E se matou ?
- DALVA - Vaso ruim não quebra, minha filha. Se matou nada. Acabou crescendo com a sirigueta da minha prima.
- HORTÊNCIA- E sua família ?
- DALVA - O quê que tem ?
- HORTÊNCIA- Aceitou assim sem mais nem menos ?
- DALVA - Aceitou na merda, né ? Tinha que aceitar. (SUGREDANDO) Dizem que ele fez mal a ela.
- MARGARIDA- Coitada.
- DALVA - Coitada ? Aquilo não valia nada. Imagine se o Oduvaldo ia fazer mal a ela. Era um cavalheiro.
- MARGARIDA- Então valia a pena você ter casado.
- DALVA - Isola, Margarida. Será possível ? Eu sempre gostei de ser - muito independente. Imagine se hoje eu estou casada, dependendo de marido. Sou muito eu, minha filha. Muito eu.
- HORTÊNCIA- (NA JANELA) Não querendo cortar a conversa de vocês, mas veja só os tipos que estão morando na casa da viuva. Uns cabeludos imundos !
- MARGARIDA- (APROXIMANDO-SE) Nossa !
- DALVA - (OLHANDO TAMBÉM) Que horror !
- HORTÊNCIA- (DEBOCHADA) Vagas para cavalheiros... Imagine só se esses - aí podem ser chamados de cavalheiros.
- MARGARIDA - Uns sujos. Uns maus elementos !
- HORTÊNCIA - Tenho nojo desses rapazes de hoje em dia. Antigamente homem era homem e mulher era mulher. Hoje em dia, Deus me livre ! Esses tranviados de cabelo comprido, feito mulheres. E essas assanhadas de cabelos curtos feito homens. Vê a "zinha" do terceiro. Com aquele cabelo tesadinho e sempre de calça faroeste nem parece mulher.
- MARGARIDA - Uma piranha, com licença da má palavra.
- HORTÊNCIA - E o pior é a gente ter que cruzar com essas "zinhas" pelos corredores. Ainda olham pra gente como se fossem as donas - do prédio. E isso não é nada. A loura de farmácia anda por aí com uma camiseta com um palavrão escrito nas costas.
- DALVA - (ESCANDALIZADA) Um palavrão ?
- HORTÊNCIA - Pra você ver. Na inglês. Esse gente acha que a gente não - tem cultura. Que não entende inglês.
- DALVA - Na camiseta ?
- MARGARIDA - Eu mesma ví.
- HORTÊNCIA - Táí a Margarida que não me deixa mentir.
- DALVA - Que palavrão ?
- HORTÊNCIA - (ENVERGONHADA) Eu não vou repetir, né ?
- DALVA - Ué, quê que tem ? Estamos só nós três aqui...



- MARGARIDA - Aquilo que a Hortência falou ainda há pouco,
- HORTÊNCIA - (MUITO RÁPIDA) Eu já me desculpei.
- DALVA - Mas escrito assim... E ninguém diz nada ?
- HORTÊNCIA - Em inglês. Shit. (PALA SHIT BAIXO)
- DALVA - Tudo está acabando nos dias atuais. A educação moderna é um absurdo. Eu vejo pelas crianças lá no colégio. As mães são mais mal-educadas do que os filhos. Tive uma que mandou uma professora para esse lugar um dia desses.
- HORTÊNCIA - Não tem mais jeito não. Ainda acho que somos as três mulheres mais honestas do Rio de Janeiro.
- MARGARIDA - Ao menos não nos misturamos com essas aí.
- DALVA - E nem nos corrompemos.
- HORTÊNCIA - Tudo pode se corromper a minha volta, mas eu continuo como sempre fui - HONESTA ACÍMA DE TUDO ! *senta contra*
- MARGARIDA - Eu também.
- DALVA - Nesse Rio de Janeiro atual é difícil se manter a honestidade.
- HORTÊNCIA - Não é tão difícil assim, minha filha. É só a gente saber andar de cabeça erguida.
- MARGARIDA - Isso mesmo: de cabeça erguida. *cauinha - senta*
- HORTÊNCIA - Foi o que sempre mamãe nos ensinou - que Deus a tenha - não é, Margarida ?
- MARGARIDA - Uma santa. Depois que enviuvou jamais quis saber de outro - homem.
- HORTÊNCIA - Isso porque homem mesmo só nesse pai que se esmerou para nos garantir o futuro, nos dando uma educação esmerada.
- MARGARIDA - De vêz em quando eu fico pensando se os dois fossem vivos e pudessem ver as sujeiras desse mundo atual.
- HORTÊNCIA - Ficariam orgulhosos de nós, Margarida.
- MARGARIDA - Papai se orgulhava da gente, lembra Hortência ?
- HORTÊNCIA - (ORGULHOSA) Eu sempre fui a sua favorita. *levanta*
- MARGARIDA - (PERIDA) Mentira ! Papai desconhecia o que era favoritismo. Mamãe sim, que sempre me preferiu.
- HORTÊNCIA - Ah, se mentira matasse ! *passa o outro*
- MARGARIDA - Imagine... Pra quem eram sempre as melhores roupas ? Pra quem ? Você também era uma relaxada, Hortência, e mamãe sempre foi uma mulher muito caprichosa. Assim que nem eu.
- HORTÊNCIA - Sei. Imagino o que ela falaria se visse as suas calcinhas penduradas no banheiro. Ridículo, não é, Dalva ? *U M D*
- DALVA - (MUITO SÉRIA) Eu não gosto, tenho horror de calcinhas penduradas no banheiro. Morro de vergonha. Sei lá quando podem chegar visitas e no banheiro ficar pensando um monte de obscenidades.
- MARGARIDA - Não vejo nada de mais em deixar calcinhas no banheiro. Esquecimento. De mais a mais, a gente nunca recebe visitas...

HORTÊNCIA - E o Modess que você em vez de embrulhar retira de qualquer jeito no cestinho do vaso ? Coisa nojenta...

MARGARIDA - É uma prova que as minhas regras ainda vêm normalmente. Ind. não estou na menopausa.

HORTÊNCIA - Não eu.

DALVA - Muito menos eu.

MARGARIDA - Pois parece. Que adianta ficar escondendo um negócio no mal de mulher ?

HORTÊNCIA - É nojento. Eu não jogo assim, por que é que você tem que jogar ?

MARGARIDA - Porque eu não tenho paciência de ficar enrolando em papel sanitário como você enrolava.

HORTÊNCIA - (EXPLICATIVA, MUITO RÁPIDA) Enrolava não, enrolo !

MARGARIDA - Há muito tempo que eu não vejo.

HORTÊNCIA - Da próxima vez eu te chamo pra ver, tá ? Te esfrego meu Mo dess na cara.

MARGARIDA - Deixa de ser porca !

HORTÊNCIA - Só assim, né ? Você cismou que eu estou na menopausa. Imagine, Dalva, isso virou idéia fixa dela. Não sei que idéia é essa de ficar se preocupando com a minha menstruação. Pa rece maluca.

MARGARIDA - Maluca é você. Não sei por que ficar escondendo uma coisa tão simples. Se está, está. E daí ?

HORTÊNCIA - Mas não estou. Eu não estou !!! (NERVOSA)

MARGARIDA - Então pendura o Modess na janela pra mostrar pra todo o mundo que você ainda está em forma.

HORTÊNCIA - Cala a boca ! Margarida. Cala a boca !

MARGARIDA - (MALCRIADA) Cala a boca já morreu, quem manda em mim sou eu.

DALVA - Vocês não sabem conversar feito gente.

HORTÊNCIA - Margarida gosta de me torturar. Tem o prazer em me deixar nervosa !

MARGARIDA - Foi você quem começou, falando das minhas calcinhas.

HORTÊNCIA - E vermelhas ainda por cima. Calcinhas vermelhas são peças íntimas de prostitutas.

DALVA - Aí eu discordo de você, Hortência. Eu uso calcinhas vermes lhas.

HORTÊNCIA - Eu só uso calcinhas brancas. Pra mim roupa de baixo só branca !

MARGARIDA - Bobagem. Ninguém vê mesmo...

HORTÊNCIA - Já pensou se você passa mal na rua ? Ou morre, sei lá... O que é que os médicos do hospital vão pensar ?

MARGARIDA - Ninguém vai se preocupar com calcinhas vermelhas.

HORTÊNCIA - Vão achar que vocês são prostitutas.

DALVA - Só por causa das calcinhas vermelhas ?

HORTÊNCIA - Nunca se sabe o que se passa na cabeça dos homens. Geralmente são uns mal intencionados. Se eu passar mal ou se eu





morrer quero ser respeitada. Não existe nada pior do que a memória ultrajada ! Quero ser enterrada de branco, co, ouviram ? Quero que todos saibam que eu morri virgem !

MARGARIDA - Mas é lógico que é isso que eu também quero. A Dalva também deve querer. Mas calcinhas vermelhas não tem nada de mais.

HORTÊNCIA - Tem sim. Sempre achei que calcinhas vermelhas são peças íntimas de mulheres da vida !

DALVA - Mas por que de mulheres da vida ?

HORTÊNCIA - Você nunca notou que essas mulheres gostam de cores berrentes ? Essas "zinhas" aí do terceiro é um exemplo vivo disso. Aposto que usam calcinhas vermelhas !

MARGARIDA - Eu não tenho nada contra calcinhas vermelhas.

HORTÊNCIA - Você sempre foi assim, assanhadinha.

MARGARIDA - Olha lá como fala, hein ?

HORTÊNCIA - Assanhadinha sim. Aposto que até hoje anda a espera de um "príncipe encantado".

MARGARIDA - Eu que ando ... Vê se eu ando me emperequetando como você com perucas, vestidos novos. Vê.

HORTÊNCIA - Sou a secretária executiva da empresa. Tenho que andar bem vestida.

MARGARIDA - O Seu Moncir é solteirão, não é ?

HORTÊNCIA - Você não está insinuando que...

MARGARIDA - (CORTE) Todo mundo na firma diz.

HORTÊNCIA - Diz o que ?

MARGARIDA - Ah, você sabe.

HORTÊNCIA - Repete. Diz pra mim.

MARGARIDA - Comentário geral. Dizem até que vocês almoçaram juntos esses dias.

HORTÊNCIA - Almoçamos sim, e o quê que tem isso de mais ? *sesta parte M*

MARGARIDA - Nada. Mas você sabe como aqueles funcionários são maldosos.

HORTÊNCIA - Que mais eles falam de mim ?

MARGARIDA - Horreres, minha filha. Horreres !

HORTÊNCIA - Me conta, Margarida. Me conta !

MARGARIDA - Dizem que você viveu sempre paquerando o Seu Cícero das Contas correntes quando ele era vivo. Que você era apaixonada por ele.

HORTÊNCIA - Mentira ! Jamais amei homem nenhum ! Eles têm é inveja da minha posição dentro da firma. Eu comecei de baixo como - simples datilógrafa e sou o que sou hoje - uma secretária executiva ! (COM DETERMINADO ORGULHO)

DALVA - Essa gente tem é inveja mesmo !

MARGARIDA - De qualquer forma, falam horrores de você.

HORTÊNCIA - Eu nem me importo. Tenho a minha consciência tranquila. - Sempre fui uma mulher honesta e honrada.

DALVA - (NUMA OBSERVAÇÃO SUBURBANA) A maldade dessa gente é um arte !

centraliza fundo



- HORTÊNCIA - Você pensa que não falou de você também, Margarida ?
- MARGARIDA - De mim ?
- DALVA - (NOUTRA OBSERVAÇÃO IDIOTA) Essa gente fala de todo o mundo. Nem santo escapa.
- MARGARIDA - E o que falam de mim ? *levanta*
- HORTÊNCIA - Que você emprega sempre os rapazes que te agradam. (BEM BE-RINA)
- MARGARIDA - Absurdo !
- HORTÊNCIA - Dizem que o Seu Lima do almoxarifado passou você no carro ! Eu não acreditei - é lógico. Eu conheço você, não é, Mar-garida ?
- MARGARIDA - Gente cretina. Eu acabo com eles. Eu acabo. Afinal o che-fe do departamento do pessoal sou eu ! *passa frente*
- HORTÊNCIA - Comentário geral, né, minha filha ? A gente nunca sabe de onde partem os boatos.
- MARGARIDA - Mas eu descobro, ah, eu descobro ! Onde já se viu ? Tenta-rem manchar meu nome dessa forma ! (MOSTRA AS MÃOS) Olhem - como eu estou nervosa ! *frente Dalva*
- DALVA - Fica calma, Margarida. Fica calma.
- MARGARIDA - Mas eu não aguento essas conversas nojentas. Essa gente... Eu não entendo como podem pensar mal assim das pessoas...
- DALVA - Inveja. Pra você ver até onde vai a inveja das pessoas.
- MARGARIDA - Por que você me contou isso, Hortência ? Por que ? Você sa-be como eu fico nervosa com isso. *vai //*
- HORTÊNCIA - Foi você quem começou. - *avança*
- DALVA - É sempre bom a gente saber das coisas. A gente fica prepa-rada para tratar com determinadas pessoas.
- HORTÊNCIA - (NA JANELA) A do cabelo tosadinho vai sair de novo.
- MARGARIDA - A essa hora ? - *Janela*
- HORTÊNCIA - Tá entrando num volks azul.
- DALVA - Sózinha ?
- HORTÊNCIA - Com o notorista, é claro.
- MARGARIDA - Tem outro homem lá atrás... (OLHANDO)
- DALVA - Ela vai sair com dois homens ?
- HORTÊNCIA - O que mais pode se esperar dessas "zinhas" aí ?
- MARGARIDA - Ao menos aqui no prédio ninguém pode dizer "issozinho" (FAZ SINAL COM OS DEDOS) da gente.
- DALVA - E quem são elas pra falar ?
- HORTÊNCIA - Mas são bem capazes de falar. A inveja mata...
- MARGARIDA - Ninguém pode falar também na firma e falma...
- DALVA - Mas na firma é diferente. Vocês têm que viver em contato - com todos que rodeiam vocês e isso dá o que falar.
- HORTÊNCIA - Mesmo morria se falassem essas obscenidades da gente. Mor - ria mesmo. Afinal a nossa moral sempre esteve acima de tu-do.
- MARGARIDA - (CONVICTA) Acima de tudo !

Teatro de Arena
 Av. Borges de Medeiros, 835
 Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



- HORTÊNCIA - Gentinha nojenta ! Não podem ver ninguém seguro nos
morais da vida que logo falam mal.
- DALVA - É o que eu digo pra vocês: a inveja mata !
- MARGARIDA - A mim não mata. O que vem de baixo não me atinge !
- HORTÊNCIA - Nem a mim. Imagino, eu, secretária executiva de uma firma
como a minha me deixar atingir por comentários malévolos.
- MARGARIDA - E eu, fiel e honesta chefe do departamento de pessoal me
deixar abalar por isso... Só se eu fôsse boba. E demais r
mais tenho a consciência limpa - nunca corrompí e jamais
fui corrompida !
- HORTÊNCIA - Nem eu. Neste ponto eu me mantenho firme: SOU INCORRUPTÍVEL !
- DALVA - De mim, graças a Deus nunca ninguém falou nada. Só uma vês
que me chamaram de solteirona recalcada. Mas me disseram na
cara e eu pude responder a altura !
- MARGARIDA - Essa gente tem a mania de achar que todas as solteironas
são recalcadas. Eu, por exemplo, sou muito feliz assim.
- HORTÊNCIA - Eu também. Não tenho porque me recalcar. Tenho um emprêgo
que me dá o que eu quero. Sou independente e acima de tudo
HONESTA !
- MARGARIDA - Hortência, eu estou pensando no que você me disse em ser en
terrada de branco.
- HORTÊNCIA - (CONVICTA) Eu quero ser enterrada de branco !
- MARGARIDA - E eu quero ser enterrada de noiva - de véu e grinalda !
- DALVA - (CHOCA-SE) De véu e grinalda ?
- MARGARIDA - (CONVICTA) Símbolos da virgindade.
- DALVA - Mas na nossa idade...
- HORTÊNCIA - (CORTANDO) Moral não tem idade. Me admire você falar uma
coisa dessas, Dalva.
- DALVA - Eu sei que moral não tem idade. Mas sei lá... Eu me senti
ria ridícula vestida de noiva num caixão...
- HORTÊNCIA - Mas aí você não vai poder se sentir ridícula se estiver
morta.
- DALVA - Então não há necessidade de ser enterrada de noiva.
- MARGARIDA - Mas como não há necessidade ? É uma satisfação pros paren
tes, pros amigos...
- DALVA - (RÁPIDA E CONVICTA) Eu não quero parentes no meu entêrro.
Por favor: se eu morrer não avisem ninguém da minha fami
lia. Podem avisar, mas depois que eu fôr enterrada.
- MARGARIDA - Vamos mudar de assunto. Só de falar nessas coisas eu fico
arrepida. Olha só. (MOSTRA OS BRAÇOS)
- HORTÊNCIA - Bobagem. Todo mundo tem que morrer um dia.
- MARGARIDA - Mas eu tenho muito que viver ainda. Ainda não consegui me
realizar.
- HORTÊNCIA - A gente não pode decidir isso. Só compete a Deus. Se ele
quiser me levar, o que é que eu posso fazer ?
- MARGARIDA - Isela, Hortência. Vai, hein...



- HORTÊNCIA -- (NUM MACABRO SUAVE) Me lembro da Rosa. Morreu virgem
-- trinta anos. Estava linda na epifânio.
- MARGARIDA -- Venos parar, Hortência. Depois eu não durmo de noite.
- HORTÊNCIA -- (CONTINUANDO) Parece que estava dormindo... Tinha um sor-
riso nos lábios. (NUMA FELICIDADE MACABRA.)
- MARGARIDA -- Pára, Hortência. Pra que ficar lembrando essa coisas ?
- HORTÊNCIA -- Você também parece uma boba. Você já passou da idade de -
ficar se sugestionando com as coisas.
- MARGARIDA -- Mas eu fico sugestionada! Ainda mais que eu sempre tenho
aqueles pesadões horríveis de querer acordar e não poder.
De vez em quando eu chego e penso que vou ser enterrada --
viva.
- DALVA -- Cruzas, que assunto chato !
- MARGARIDA -- Faço uma força terrível para acordar e quando consigo te-
nho medo de dormir de novo.
- HORTÊNCIA -- São pesadões.
- MARGARIDA -- Eu tenho medo. Você pode não acreditar, mas tem vezes que
eu chego e sentir meu espírito fora do corpo. Tento entrar
e não consigo. Vejo você, vejo tudo dentro do quarto mas --
estou dormindo. Eu sei que estou de olhos fechados, dormin-
do ! (ABALADA)
- HORTÊNCIA -- São pesadelos, Margarida. Pesadelos.
- MARGARIDA -- Eu sempre sonhei que ia ser enterrada viva. Sempre !
- HORTÊNCIA -- Mas que bobagem, Margarida.
- MARGARIDA -- (PRA HORTÊNCIA) Você me promete uma coisa ?
- HORTÊNCIA -- O quê ?
- MARGARIDA -- (INSISTE) Diz que promete !
- HORTÊNCIA -- Mas o quê ?
- MARGARIDA -- Diz primeiro que promete. Diz !
- HORTÊNCIA -- Prometo.
- MARGARIDA -- (PRA DALVA) Você promete também, Dalva ?
- DALVA -- Não sei o que é, mas prometo.
- HORTÊNCIA -- O quê que é ?
- MARGARIDA -- Se eu morrer... Se eu morrer, assia dormindo, vocês me ma-
ntem ?
- HORTÊNCIA -- Bobagem...
- DALVA -- Mas por que isso ?
- MARGARIDA -- Vocês prometeram ! EU QUERO SER ASSASSINADA DEPOIS DE MOR-
TA !
- HORTÊNCIA -- Mas é bobagem, Margarida.
- MARGARIDA -- Mas é um desejo meu e eu quero que seja atendido !
- HORTÊNCIA -- Mas eu nem sei se vou morrer antes de você...
- MARGARIDA -- (LOUCA) Você tem que morrer depois !
- HORTÊNCIA -- Você está ficando maluco?
- MARGARIDA -- Você prometeu, Hortência !
- HORTÊNCIA -- Tá bem. Mas como é que eu vou matar uma morta ?
- MARGARIDA -- (LOUCA, FURIOSA) Com uma entrea. Eu quero que você me per-

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.8242 - CEP 90020-025

furo o coração como nos filmes de vampiro. Quero ter a certeza de que estou morta. Tem que ser como nos filmes de vampiro - com um estaca no coração. (SONHADORA) Depois eu quero ser enterrada de noiva. Pura e virgem como sempre fui.

BLACK OUT - FINAL DA PRIMEIRA CENA



CENA DOIS

Na sonoplastia outra musica antiga ainda em black out. A luz cria um resistêcia em cima de Dalva que corrige cadernos. A musica fica d... fundo e cessa quando chegam Hortência e Margarida.

DALVA - Nossa, como vocês demoraram. São quase onze horas !

HORTÊNCIA - O trânsito, minha filha. O trânsito.

DALVA - A essa hora ?

HORTÊNCIA - Um desastre ali na Glória! Esses ônibus loucos !

MARGARIDA - Eu fiquei tão nervosa...

DALVA - (ASSUSTADA) Vocês estavam no onibus ?

MARGARIDA - Vira essa boca pra lá. Cruzes. (T) Linda está corrigindo cadernos ?

DALVA - Pra você ver. Professora primária é escrava. (T) Tava boa a festa ?

HORTÊNCIA - (DESDÊM) Assim, assim. Tinha muito penetra.

DALVA - Mas não ia ser uma festa fechada só para os funcionários ?

HORTÊNCIA - Mas você sabe como é, esses funcionáriozinhos sempre arranjam de convidar esse ou aquele amigo, esse ou aquela amiga e no fim o que a gente encontra menos são colegas de trabalho.

MARGARIDA - (CHOCADA) E cada pinta braba que eu nem te conto.

DALVA - Tava pesado o ambiente ?

HORTÊNCIA - A gente sempre se mantém a distância. Sabe como é... Afinal somos altas-funcionárias.

MARGARIDA - Aquela nojentinha da Arlete que se grudou em mim.

HORTÊNCIA - Aquilo não é flor que se cheire. Conventei mal dela lá na firma.

MARGARIDA - Eu sei, mas será que é verdade aquilo que disseram ?

HORTÊNCIA - Você ainda duvida ?

MARGARIDA - (SEM GRAÇA) Eu acho horrível esse negócio de mulher com mulher... Coisa mais sem graça !

HORTÊNCIA - (PIRME) Machona sem vergonha ! E você abre os olhos, viu Margarida ? Quando a gente menos espera essas tipas resolvem nos passar a maior cantada !

MARGARIDA - (DESDÊM) Hui, vê se eu dou confiança...

HORTÊNCIA - Não é questão de dar confiança. Lembra da Dirce ? Ninguém dizia nada e acabou sendo na cantada daquela gorda que foi despedida.

MARGARIDA - E você está me achando com cara de cair em cantada ? Nunca fui em cantada de homem, 'inda mais de mulher. Incha !



- DALVA - Todo cuidado é pouco. Tive um amigozinho que levou o conteúdo de umas dessas. E num lugar chique... O I-tch...
- HORTÊNCIA - A Margarida é uma bobo. De confiança pra todo o mundo.
- MARGARIDA - (OPINIONADA) Que eu dou confiança pra todo o mundo? Você está ficando melancólico? Eu não topo a Arlete. Você sabe disso!
- HORTÊNCIA - Mas ficou grudada nele o tempo todo!
- MARGARIDA - Ela é que ficou grudada em mim. Uma nojeira!
- HORTÊNCIA - Se desgrudava, ora! Precisava ficar zanzando com ela de um lado pro outro, precisava?
- MARGARIDA - Eu tentava, mas ela não me largava. Imagina, queria vir lavar o char aqui amanhã.
- HORTÊNCIA - Por que? Ela não tem comida em casa não, é?
- MARGARIDA - (SEM DAR RESPOSTA) Cortei na hora. Na hora! Inventei que ia sair com você e que não dava.
- HORTÊNCIA - Ainda bem. Não quero essa mulher aqui não. Já basta a gente ter que aguentar essa gentinha desse edifício!
- DALVA - Eu não aguento! Nem conversei com o porteiro... Aliás, aquele porteiro é um cafageste! Arranjou uma crioula dessa "bem Lepa" e tava de beijos e abraços debaixo da escada!
- HORTÊNCIA - Debaxo da escada?
- DALVA - (CORADA DE VERGONHA) Quase morri de vergonha. Não sabia onde metia a cara. Imaginem que ele estava chupando o pescoço dela!
- MARGARIDA - (SUSTO) O pescoço???
- HORTÊNCIA - (INSISTE) Debaxo da escada?
- DALVA - (CONFIRMA) Debaxo da escada. Uma promiscuidade. Uma baixaria!
- HORTÊNCIA - Mas como foi que você viu?
- DALVA - Eu ia passando, né? Levei o maior susto quando notei que tinha gente lá. Pensei que fôsse um ladrão.
- MARGARIDA - E... e ela estava com a roupa descomposta?
- DALVA - Eu não ia parar pra olhar, né? Só vi o chupão no pescoço.
- MARGARIDA - (BOTA A MÃO NO PESCOÇO QUASE NUM EXCESSO) Que horror!!!
- HORTÊNCIA - A gente precisa tomar uma providência enérgica!
- DALVA - De que forma, Hortência? De que forma?
- HORTÊNCIA - Não sei. Isso não pode continuar assim. A gente não pode mais entrar em nossa própria casa. É horrível a gente ficar exposta a essas baixarias!
- MARGARIDA - Eu morro de vergonha só de pensar em ver uma cena dessas. Não ia saber onde meter a cara!
- HORTÊNCIA - Essa viuva aí da frente piorou ainda mais a situação do prédio com esses marinhoiros vindo e entrando. Não quero nem pensar no que a vizinhança deve pensar da gente. No mínimo devem pensar que esses marinhoiros dormem aqui em casa!
- MARGARIDA - (NERVOSA) Deus que te perdoe, Hortência!
- DALVA - E eu não conto nada a vocês. Imaginem que a Loura do farmácia mais a do cabelo torradinho chegaram bebidas ainda há pouco numa carro cheio de homens.
- HORTÊNCIA - São umas vigabundas!



- MARGARIDA - (FRISANDO BEM) Meretrizes !
- DALVA - Devem fazer ponte no Japo.
- HORTÊNCIA - (DRAMÁTICA) É a quê somos expostas !
- MARGARIDA - (ESCANDALOSA) Esse edifício está se transformando numa Babilônia !
- DALVA - Sodoma !
- HORTÊNCIA - É a gente sendo obrigada a atuar essas cusperadas no carr. - São cusperadas !
- MARGARIDA - Coisa nojenta !
- DALVA - É aquele afeminado que mora na casa da viúva ?
- MARGARIDA - Afeminado ?
- HORTÊNCIA - (SUSTO) Ahn ?
- DALVA - Vocês não viram ? Uma mulher escrita. Anda com umas calças apertadas atrás e se não me engano tem até "peitinhos" !
- MARGARIDA - Um absurdo !
- DALVA - Imaginem que quando eu ia chegando esse afeminado teve o desplante de me cumprimentar. Me deu "Boa noite" !
- HORTÊNCIA - Você não respondeu...
- DALVA - Imagine se eu ia responder. Claro que não. Homem pra mim tem que ser homem !
- MARGARIDA - Homem pra mim nem pintado !
- HORTÊNCIA - Homem só nosso pai, né, Margarida ?
- MARGARIDA - Um homem de verdade. Lutou até na revolução de trinta. O próprio Getulio Dornelles Vargas apertou a mão dele.
- HORTÊNCIA - (NUM ORGULHO, PARA DALVA) Ganhou até medalhas !
- MARGARIDA - (TENTANDO SER CONVINCENTE) Uma porção de medalhas !
- HORTÊNCIA - Essa geração está perdida. É homem com homem, mulher com mulher. Mulheres fáceis de vida fácil, homens exploradores. Um nojo ! Um nojo !
- DALVA - No nosso tempo era bem diferente, não é, meninas ?
- HORTÊNCIA - Completamente !
- MARGARIDA - A poesia daquele tempo era outra...
- HORTÊNCIA - Tudo era poesia.
- MARGARIDA - Antigamente uma moça podia sair sózinha na rua, completamente descansada porque não recebia essas piadinhas nojentas. E não se viam esses afeminados e nem essas... prostitutas.
- DALVA - Meretrizes !
- MARGARIDA - Será que foi a bomba atômica, Hortência ?
- HORTÊNCIA - Não sei. (CANSADA) Os tempos mudaram muito...
- MARGARIDA - Deve ter sido a bomba atômica. Só pode ser.
- HORTÊNCIA - Antigamente a gente podia ir a um cinema sossegada sem medo de ter que assistir esses filmes chocantes onde esses tarados desses diretores só exploram o sexo !
- MARGARIDA - É sexo, sexo e mais nada !
- DALVA - Não sei onde vamos parar. A gente hoje em dia é alvo de tudo !
- MARGARIDA - De tudo mesmo !
- DALVA - Estou cansada daquele colégio, daquelas mães abusadas. Pra elas os filhinhos são uns anjos... Anjos... Uns pestes ! Uns

pestes ! Hoje a mãe de um teve a ousadia de me chamar de ju-
raca !



- MARGARIDA - Que mal educada !
- DALVA - Para vocês verem. A gente passa por cada uma que nem
- HORTÊNCIA - O que se pode esperar das crianças se os pais são uns
- MARGARIDA - É a bomba atômica.
- HORTÊNCIA - Depois crescem e viram marginais.
- MARGARIDA - (NOUTRO ASSUNTO - T) O homem da televisão veio ?
- DALVA - Graças a Deus, não. Mesmo se viesse eu não abria a porta. Vocês acham que eu ia ficar sózinha com um desconhecido dentro de casa ?
- HORTÊNCIA - E faz muito bem.
- MARGARIDA - Podia deixar a porta aberta.
- DALVA - E já pensou se ele fecha e me agarra aqui dentro ?
- MARGARIDA - (BENZA-SE) Cruzes ! Falei sem pensar.
- DALVA - Nunca se pode imaginar o que se passa na cabeça dos homens...
- HORTÊNCIA - Nunca. Eles são imprevisíveis !
- MARGARIDA - Satânicos...
- HORTÊNCIA - Nunca um homem me agarraria. Preferia me ativar pela janela.
- MARGARIDA - Antes a morte do que a desonra. (COMO NUM SLOGAN)
- HORTÊNCIA - Mil vezes a morte !
- DALVA - Esses tarados usam mil táticas. Sei lá se ele ia me bater com alguma coisa na cabeça para depois... Para depois me possuir ?
- MARGARIDA - Eu fico nervosa com esses assuntos.
- HORTÊNCIA - A gente sempre precisa estar preparada, Margarida.
- MARGARIDA - Eu sei. Mas esse assunto me choca.
- HORTÊNCIA - A gente tem que saber se defender, custe o que custar. Quando não houver mais alternativas o melhor remédio é a morte !
- MARGARIDA - Deve ser horrível a gente morrer de uma queda dessas...
- HORTÊNCIA - Que queda ?
- MARGARIDA - Da janela, ora.
- HORTÊNCIA - Não vai me dizer que ia preferir ser possuída por um marginal ?
- MARGARIDA - Nunca ! Mas, sei lá... A gente cai lá em baixo, toda amarrada, com a roupa descomposta, aparecendo as pernas...
- HORTÊNCIA - Tem sempre alguém que tapa.
- MARGARIDA - Mesmo assim. Antes de taparem muita gente pode ver as nossas intimidades...
- HORTÊNCIA - Você também cisma com tudo. Eu não toleraria nunca viver com você depois de acontecer uma coisa dessas...
- MARGARIDA - Que coisa ?
- HORTÊNCIA - Você ser possuída por um marginal.
- MARGARIDA - Ih, virá essa boca pra lá. Isso nunca me aconteceria.
- HORTÊNCIA - Se mata. Se acontecer, se mata ! A nossa moral acima de tudo !
- MARGARIDA - (SEM GRAMA) Se acontecesse eu jamais teria coragem de encerrar vocês duas.
- HORTÊNCIA - E com toda a razão. (NA JANELA) Olhem, lá está o porteiro com a varredura dele.



- MARGARIDA - (NA JANELA) Deixa eu ver. (T) Que mulher horrerosa, 'M. Deus :
- DALVA - Uma jararaca !
- MARGARIDA - Aposto que ele é o gigolô dela.
- HORTÊNCIA - É bom rapaz. Eu não sei de onde esse homem tira dinheiro para beber. O que ele recebe de salário é tão pouco...
- DALVA - Deve ser dela, é claro. Tem homens assim...
- HORTÊNCIA - E eu não sei... Sabe, Margarida, do que eu fiquei sabendo ? - aquela secretária do Dr. Epaminondas tem um amante. A Luzia está dando dinheiro pra ele, no Bob's do Largo do Carioca.
- MARGARIDA - Nem disfarçar essa gente disfarça.
- HORTÊNCIA - E o pior é que todo mundo sabe que ela anda de romance com o próprio Dr. Epaminondas.
- MARGARIDA - Comentário geral.
- HORTÊNCIA - E a vagabunda sabe que ele é casado. E com dois filhos.
- MARGARIDA - Mulher quando tem que ser vagabunda é vagabunda mesmo !
- HORTÊNCIA - Pra sustentar amante. Esses homens não prestam. E eu me admiro do Dr. Epaminondas, um homem tão sério, com uma mulher tão boa. Uma santa, a mulher dele.
- DALVA - Coitada...
- MARGARIDA - Não existe homem sério no mundo.
- HORTÊNCIA - E nem mulheres. Só a gente mesmo. Ainda bem que não nos casamos.
- MARGARIDA - Graças a Deus. Vocês já pensaram no nosso sofrimento com esses homens que não se dão ao respeito e arranjam amantes ?
- HORTÊNCIA - Se a Dona Miriam não fôsse honesta aposto que conseguia prender o Dr. Epaminondas. Esses homens gostam mesmo é de mulheres da vida.
- MARGARIDA - Ainda bem que somos mulheres honestas.
- HORTÊNCIA - Honestíssimas !
- MARGARIDA - (NA JANELA) É um entr-e-e-sei nesse edifício que eu não aguento. Agora chegou a viúva.
- HORTÊNCIA - De onde essa jararaca está vindo numa hora dessas ?
- MARGARIDA - Sei lá.
- HORTÊNCIA - Deve ser da Praça Mauá.
- DALVA - Com a idade que ela tem... Haja fôlego !
- HORTÊNCIA - (NA JANELA) Ainda pára pra conversar com o porteiro. Esse café gaste.
- MARGARIDA - Bem que você falava, Hortência. Essa velha não vale nada.
- HORTÊNCIA - Nunca me engano. Nunca ! Vai ver o safadão do porteiro anda passando ela na cara.
- DALVA - Será ?
- HORTÊNCIA - Eu não duvido nem um pouco. Basta olhar pra cara dela pra gente ver que boa "bisco" ela é.
- MARGARIDA - Se os moradores desse prédio fossem boa gente, se podia se fazer um abaixo assinado expulsando essa mulher do prédio.
- HORTÊNCIA - A louca da farmácia e o irmão também.
- MARGARIDA - Imagina que esses dias ela veio me pedir agulha e linha. Na hora que ela vem me pedir tudo emprestado.



HORTÊNCIA - A Loura de farácia ?

MARGARIDA - A viuva.

HORTÊNCIA - Tá vendo ? Foi dar confiança e é isso que acontece.

DALVA - E você emprestou ?

MARGARIDA - (RESPONDENDO A HORTÊNCIA) Confiança uma ova ! Falei com ela porque ela veio falar comigo. Você tem honra de achar que eu dou confiança pro essa gatinha !

DALVA - (INSISTINDO NA PERGUNTA) E você emprestou ?

MARGARIDA - Quê que eu podia fazer, né ? Ia negar agulha e linha ?

HORTÊNCIA - E ela devolveu ?

MARGARIDA - Até agora não.

HORTÊNCIA - Tá vendo como essa gente é ? Pedem as coisas emprestadas e não devolvem. Tenho nojo de gente assim. (E) Linha de que côr que ela pediu ?

MARGARIDA - Branca.

HORTÊNCIA - Aposto que foi pra costurar os calças de algum marinheiro que vive numa das vagens que ela aluga. Cavalheiros respeitáveis... Que nojo !

DALVA - Eu não emprestava.

MARGARIDA - Quê que eu podia fazer ? Ia dizer que não tinha ?

DALVA - Disis. Inventava qualquer coisa.

HORTÊNCIA - A Margarida é uma burra, não tem expediente mesmo. Aposto que ainda ficou batendo o maior papo com aquela... Aquela coisa.

MARGARIDA - Que batendo o maior papo... Vê se eu dou confiança.

HORTÊNCIA - Dá. Dá confiança sim. Então não te conheço. Você adora uma pro sa.

MARGARIDA - Já vai começar, é, Hortência ?

HORTÊNCIA - Mas você dá confiança. Como é que essa mulher nunca me dirigiu a palavra ? É que eu me dou ao respeito. Me ponho no meu lugar.

MARGARIDA - Eu também me dou ao respeito.

HORTÊNCIA - Conversando com esse tipo de pessoa ? Ele deve achar que você é igual a ela.

MARGARIDA - Imagine...

HORTÊNCIA - Vê se ela conversa comigo, vê ? Ela já notou que eu não dou colher de chá. Nem a Dalva. O afeminado falou com ela e ela respondeu ?

DALVA - (CONVICTA) Nem era comigo...

HORTÊNCIA - Se dê ao respeito, Margarida ! Dessa maneira você acaba se tornando igual a elas. Igualzinha !

MARGARIDA - Ah, não enche, Hortência...

HORTÊNCIA - E não me responde assim. Está falando é pro seu bem.

MARGARIDA - Eu sei o que é bom pra mim. Sou maior e vacinada. De mais a mais eu nunca dei confiança a essa gatinha.

DALVA - Bulô.

MARGARIDA - Eu não me misturo. Fale o que se tem que falar e olhe lá.



- HORTÊNCIA - Antes fôsse.
- MARGARIDA - Olhe, Hortência: eu um dia perco as estribeiras e acabo...
Bom, acabo te mandando pra aquele lugar.
- HORTÊNCIA - Manda, manda, eu duvido. Você não tem coragem. Você sabe que eu estou certa.
- MARGARIDA - Ah, não enche.
- HORTÊNCIA - Você sempre foi um problema, Margarida. Sempre. Mamão cortou um dobrado com você.
- MARGARIDA - Com você também.
- HORTÊNCIA - Comigo não. Eu ajudei a te criar. Você devia me agradecer por isso.
- MARGARIDA - (NUMA EXPLOSÃO) E me prendeu com você esses anos todos com me do de ficar sózinha !
- HORTÊNCIA - Você está ficando maluca !
- MARGARIDA - (PARTE) Estou cansada, sabe, Hortência. Cansada. Estou cansada de ouvir você dizer que... Dizer todas essas coisas de mim. Achar que sempre foi melhor do que eu em tudo. Você sempre foi a boa, né ? Estou cansada de ser honesta porque você me obriga a ser honesta. Eu podia ter-me casado, e não me casei pra ficar te fazendo companhia a sua vida toda !
- HORTÊNCIA - (ASSUSTADA COM A METAMORFOSE DE MARGARIDA) Eu não estou te entendendo, Margarida... Você nunca me falou assim !
- MARGARIDA - Mas sempre tem uma hora em que a gente estoura, né ? Eu já estou cheia há muito tempo !
- HORTÊNCIA - Exijo que você se retrate, Margarida !
- MARGARIDA - Me retratar ? (RI) Me retratar de que ?
- HORTÊNCIA - De tudo isso que você está falando.
- MARGARIDA - Só se eu fôsse idiota. É a primeira vez que eu estou conseguindo te enfrentar, Hortência. A primeira vez. E não vai ficar - nisso não. Eu vou te dizer hoje tudo o que estou guardando pra dizer esses anos todos !
- DALVA - Fica calma, Margarida...
- MARGARIDA - (GROSSA) Não se meta nisso, não, Dalva. Não se meta não.
- DALVA - Mas vocês não podem brigar assim agora...
- MARGARIDA - (PEROZ) Não se mete, eu já te falei. (DALVA TENTA SE APROXIMAR) E sai de perto de mim !!!
- DALVA - (NERVOSA) Você precisa se acalmar, Margarida. Está muito nervosa.
- MARGARIDA - Sua jarraca !
- DALVA - Eu ! ?
- MARGARIDA - Vocês duas. Vocês duas !
- HORTÊNCIA - Você está indo longe demais, Margarida !
- MARGARIDA - (COMO SE POSSUÍDA POR UM DEMÔNIO) Longe demais é o cacete ! (AOS BONS) Longe demais é o cacete ! Sua vaca !



- HORTÊNCIA - Pára de berrar ! Quer que os vizinhos escutem todo esse bulício nojento ? Quer ?
- MARGARIDA - (NUMA VITÓRIA) Quero sim. Eu quero ! (VAI ATÉ A JANELA) RA) Eu estou cansada, viu, gente ? Cansada ! Cansada de viver com essas duas jarras aqui dentro desse apartamento sujo ! Cansada de viver ! Cansada de viver ! (SE APOIA NA JANELA E COMEÇA A CHORAR DESPERADAMENTE)
- DALVA - (SE APROXIMA COMPRENSIVA) Chora, desabafo, Margarida. Eu compreendo você...
- MARGARIDA - Sai de perto de mim ! SAI DE PERTO DE MIM ! Vocês não compreendem nada ! São duas mulheres de pedra, sem vontades, sem desejos, sem instintos !
- HORTÊNCIA - Vou chamar a ambulância.
- MARGARIDA - Só se fôr pra levar você.
- HORTÊNCIA - Você não está bem, Margarida.
- MARGARIDA - (FORTE) Nunca estive tão bem na minha vida ! (APROXIMA-SE DE HORTÊNCIA) Nunca, ouviu bem ? Nunca estive tão bem. Sua solteirona recalcada !
- HORTÊNCIA ESBOFETEIA NUNICE, QUE PROSSEGUE LOUCA
- Pensa que eu tenho medo de você, é ? Pois eu vou te dizer agora tudo o que eu penso, sua cretina ! Você nunca pensou num homem numa cama ? Você e um homem ! Os dois ! Nus de sacana - gem ?
- HORTÊNCIA - (ABALADÍSSIMA) Cala a boca, por favor !
- MARGARIDA - (PROSSEGUE) Trepando ! Trepando ! Trepando !
- HORTÊNCIA - (CHOCADÍSSIMA) Por favor, Margarida. Pára ! (SUFOCADA)
- MARGARIDA - (BEM VAGABUNDA) Ah, que delícia ! Não é, Hortência ? Você não acha que é uma delícia você ser possuída, animalescamente possuída. Possuída pelo homem que conserta televisão. Aquele monstro daquele homem cabeludo te chupando todinha, da testa ao dedinho do pé !
- HORTÊNCIA - (NUM DESABAFO) Pára, pára, Margarida ! Eu não aguento mais. Eu não aguento mais ! (EXPLODE EM LÁGRIMAS)
- MARGARIDA - Isso mesmo. Chora. Chora pelos homens que você perdeu e pelos homens que você me fez perder. Chora ! Chora !
- HORTÊNCIA - Por que você me diz essas coisas ? Por que ? Eu sempre pensei no seu bem. Os homens não prestam, Margarida. Não prestam !
- MARGARIDA - E você já experimentou alguma para saber ? Experimentou ?
- HORTÊNCIA - (NUMA DÓR) Nunca !
- MARGARIDA - Mas quis experimentar, não quis ? E você, Dalva, nunca pensou em experimentar ?
- DALVA - (NUM SUFOCO) Eu fui possuída por um canalha !
- MARGARIDA - (NUMA ALEGRIA QUASE QUE INEFELIZ) Me conta. Me conta como foi.
- DALVA - Não quero lembrar isso.
- MARGARIDA - (INQUISIDORA) Mas precisa. Eu quero que você lembre !



- DALVA - Eu não posso. Eu não posso ! (NUMA ANGÚSTIA)
- MARGARIDA - Pode sim.
- DALVA - Eu compreendo tudo o que se passa com você. Eu compreendo. - Mas, por favor, não me faça recordar aquele tempo.
- MARGARIDA - Foi bom, não foi ?
- DALVA - (SOLTANDO-SE NA RECORDAÇÃO) O melhor tempo da minha vida. (IO LOUCA) Oduvaldo chegava e me beijava na porta do case. Depois ele e mamãe na sala ficavam fazendo companhia pra gente até as 10 horas da noite. Depois ele se ia e me beijava na tent. Ai eu ia dormir e sonhava. Sonhava estar sendo possuída por Oduvaldo. Oduvaldo me batia e me possuía a força na sala, na frente dos meus pais. Minha roupa estava sendo rasgada e Oduvaldo me penetrava. Minha respiração ficava ofegante, e eu acordava num espasmo de loucura. (CHORA) Oduvaldo. Oduvaldo !
- HORTÊNCIA - (SAINDO DO PRANTO) Conte mais, conta. Conte mais !
- MARGARIDA - Conta tudo.
- DALVA - Um dia num piquenique ele quiz e eu me entreguei. Foi uma loucura. Uma explosão. Eu explodia cada vez que era possuída por Oduvaldo. Oduvaldo era o meu homem. O meu macho ! Um dia... Um dia ele me abandonou no altar. Que vergonha, meu Deus ! Que vergonha !
- HORTÊNCIA - (CHOCADA) Quer dizer que durante todos esses anos você nos enganou. Durante todo esse tempo você não era a virgem que nós pensavamos que fosse.
- DALVA - (ENOJADAMENTE AGRESSIVA) Eu tenho nojo de virgem ! Não suportto virgens ! Odeio todas as virgens do mundo ! Foi por uma delas que ele me abandonou. Por uma virgem nojenta !
- HORTÊNCIA - (PERDIDA, APASTA-SE DAS DUAS) Você é uma vagabunda. Uma vagabunda. Você não tinha o direito de nos dizer isso, não tinha !
- DALVA - (COM OS MODOS DE MARGARIDA) Veja lá como fala comigo, viu ? - Eu não sou Margarida, não. Comigo o negócio é bem diferente, viu, Hortência ?
- MARGARIDA - (TOMA A DEFESA DE DALVA) Vagabunda por que ? Porque teve a coragem que você não teve ?
- HORTÊNCIA - (PERDIDA, COMPLETAMENTE PERDIDA) Eu não estou entendendo nada. Não é possível que tudo isso esteja acontecendo. (ENLONQUECIDA) Você não pode se voltar contra mim, Margarida. Você é tudo que eu tenho !
- MARGARIDA - Era tudo o que você tinha. Era. Passado. Agora eu vou viver a minha vida. Ouviu ? Vou-me entregar pro primeiro homem que aparecer.
- HORTÊNCIA - Você não pode fazer isso, Margarida ! (HORRORIZADA)
- MARGARIDA - Pro primeiro homem que aparecer. (FRISANTE) Ainda tenho tempo pro viver. Ou você acha que eu vou apodrecer aqui dentro com vocês duas ? Duas peças de museu !



- HORTÊNCIA - Pense no nosso nome. Na nossa mãe. No nosso pai.
- MARGARIDA - Eles já não existem há muitos anos. Os tempos são outros, Hortência, e você não quer ver isso !
- HORTÊNCIA - Você mesma condenava as mulheres assia. Você não suportava a loucura de formácia e nem a do cabelo tocadinho.
- MARGARIDA - Eu tinha inveja delas. Tinha e tenho. Elas vão acabar arranjando do casamento, vão ter essa, marido e filhos. Eu quero ter um filho, Hortência. Um filho que me ajude a suportar a velhice. Eu já não suporto mais me olhar no espelho e ver que eu estou ficando velha, apodrecendo naquela firma nojenta, naquele emprêgo porco que você arranjou pra mim. Você também precisa viver, Hortência. Aproveite enquanto não chega a arteriosclerose. Viva. Viva !
- HORTÊNCIA - Eu tenho muita saúde. Eu não estou velha !
- MARGARIDA - Está velha sim. Velha e rabugenta. Rabugenta feito uma velha de oitenta anos. Eu tenho pena de você, Hortência ! Muita pena mesmo.
- HORTÊNCIA - (DESESPERADA) Eu me mantive esses anos todos por sua causa.
- MARGARIDA - Por minha causa ?
- HORTÊNCIA - Eu também tive desejos. Desejei ser possuída mil vêzes. Eu tinha medo de que você pudesse pensar de mim. Ai, meu Deus do céu, como eu fui burra. Eu não entendo como é que durante todos esses anos a gente se enganou dessa maneira !
- DALVA - Podíamos ter sido felizes. Nós nos matamos aqui dentro desse apartamento.
- HORTÊNCIA - (DESESPERADA) Eu matei vocês duas. E você não merecia, Dalva. Há quase vinte anos que você mora com a gente, apodrecendo junto com a gente !
- DALVA - Agora já não adianta mais nada.
- MARGARIDA - Como não adianta ? Ainda temos tempo.
- DALVA - Tempo de que ? De recuperar a juventude perdida ? Ninguém mais vai querer a gente. Estamos velhas !
- MARGARIDA - A viuva é muito mais velha que a gente e nem por isso deixou de viver.
- HORTÊNCIA - Tinha noites que eu enlouquecia de desejos. Ficava feito uma doída rolando na cama sem conseguir dormir. Me masturbando... Feito uma atoa... Eu queria... Eu queria ser uma vagabunda ! EU QUERO SER VAGABUNDA !
- MARGARIDA - Já não faço questão de chegar a tanto. Eu quero viver. Viver o que me resta como mulher.
- HORTÊNCIA - Você acha que eu tenho alguma condição ? Diz pra mim, Margarida. Você acha que eu estou muito velha ?
- MARGARIDA - Há sempre um momento na vida em que a gente pode recomeçar.
- HORTÊNCIA - A menopausa, Margarida. A menopausa !

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

DALVA EM FRENTE A UM ESPELHO COMEÇA A SE PINTAR ESCANDALOSAMENTE E AS CONVERSAS SEGUINTE ACONTECEM COM HORTÊNCIA E MARGARIDA SE PINTANDO E SUJEITUANDO TAMBÉM ESCANDALOSAMENTE DE FORMA ESTRANHA



MARGARIDA - (NOUTRO ESPELHO) Apresto.

HORTÊNCIA - (NOUTRO ESPELHO) Sabe, eu sempre tive vontade de usar loisnhas vermelhas, mas tinha vergonha. Eu gostava quando você deixava elas penduradas no banheiro. Eu vestia para ver como ficavam em mim.

MARGARIDA - Eu imaginava...

HORTÊNCIA - Impossível. Eu era tão Caxias...

MARGARIDA - (SEM DAR MUITA ATENÇÃO) Eu queria encontrar um homem louro. Louro homens louros.

DALVA - Pre mim qualquer homem é homem.

HORTÊNCIA - Eu queria que o primeiro homem da minha vida fosse um negro. Estivador do Cais do porto. São tão musculosos...

MARGARIDA - Eu prefiro um louro sueco. Adoro homens nórdicos.

DALVA - Se aparecesse algum como o Oduvaldo...

MARGARIDA - Pode ser norueguês, finlandês, dinamarquês... Tanto faz. Tem que ser louro e cheirando a sal como todo marinheiro que se presa.

HORTÊNCIA - Tem que ser negro. Sempre tive tara por negros. Por falar nisso, o porteiro... Será que já foi dormir?

MARGARIDA - Deixa o porteiro pra outro dia. Hoje o nosso programa é outro.

HORTÊNCIA - Sempre achei o porteiro interessante. Um tanto negro mas faz meu gênero.

DALVA - E manda uma brasa, minha filha... Fiquei toda arrepiada quando ví ele com aquela crioula debaixo da escada...

HORTÊNCIA - Crioula de sorte.

MARGARIDA - De sorte por que? Ela não é melhor do que a gente. O que ela gosta a gente gosta também...

HORTÊNCIA - Minha cara tá boa?

MARGARIDA - Passa mais rouge.

DALVA - E a minha?

MARGARIDA - Tá com cara de vagabunda.

DALVA - Que bom. Com a pouca prática que eu tenho, até que estou me saindo bem.

MARGARIDA - Pinta mais os olhos. Uma sombra verde cai bem.

HORTÊNCIA - Estou me lembrando do Dr. Epaminondas. Ainda passo aquele coroa na cara!

MARGARIDA - Isola. Homem esquerroso...

HORTÊNCIA - Eu acho ele gostoso...

MARGARIDA - Você tem cada gosto, Hortência...

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



HORTÊNCIA - Eu acho, Margarida...

MARGARIDA - Gosto não se discute...

NA SONOPLASTIA UMA RUMBA BEM CABARET QUE VAI AUMENTANDO DE VOLUME A PUNTO DA QUE AS TRÊS CONVERSAM, ATÉ QUE NÃO SE OUVIR MAIS NADA DO QUE FALAM. A LUZ COMEÇA A CAIR EM RESISTÊNCIA

DALVA - Ah, que noite maravilhosa nós vamos ter.

HORTÊNCIA - Já ouvi falar muito da Praça Mauá, mas nunca pensei que eu, Hortência da Cunha Oliveira acabasse por lá.

MARGARIDA - Acabasse ? Eu acho que nós estamos começando...

HORTÊNCIA - (MARAVILHADA) É. Nós estamos começando. Isso é maravilhoso, Margarida. Nós estamos conversando.

DALVA - Eu estou arrepiada.

MARGARIDA - É a emoção.

HORTÊNCIA - Incrível...

NA SONOPLASTIA A RUMBA Atinge o seu ponto mais alto. AS ATRIZES CONTINUAM FALANDO MAS NÃO SÃO MAIS OUIDAS. A LUZ CAI EM RESISTÊNCIA ATÉ O BLACK-OUT. ENQUANTO NÃO ESCURECE COMPLETAMENTE AS TRÊS DEMONSTRAM ESTAREM CONVERSANDO NA MAIS COMPLETA FELICIDADE. A RUMBA CONTINUA NA ESCURIDÃO E OUVEM-SE RUIDOS DE BAR, VOZERIA E GRITOS. SIRENE DO CARRO DA POLICIA DE LONGE QUE SE APROXIMA ATÉ O TOM MAIS ALTO. PÁRA REPENTINAMENTE. SILÊNCIO E ESCURIDÃO TOTAL.

OBS. CONFORME PREFERIR A DIREÇÃO, ESTA CENA FINAL PODE SER AGRESCIDA DE NOVOS MOVIMENTOS DAS ATRIZES. COMO TRANSFORMAR O APARTAMENTO NUMA SALA DE CABARET ONDE AS TRÊS DANÇAM NUM FRENESI LOUCCO, PODENDO DESCEREM ATÉ A PLATAFORMA JUNTO AO PÚBLICO. DEPOIS RETORNAM AO PALCO DE ALGUMA FORMA ATÉ QUE A LUZ CAIA EM RESISTÊNCIA E SIGA-SE O FINAL COMO ESTÁ DESCRITO ACIMA.

F I M

Teatro de Arena
Av. Augusto de Medeiros, 835
Fonc: 226.0242 - CEP 90020-025

Peter Seny
Peter Seny, Rio/4/74